

**AS MEMÓRIAS INDÍGENAS REPRESENTADAS PELO PERSONAGEM KAKÁ EM
*ORÉ AWÉ ROIRU'A MA***

**LAS MEMORIAS INDÍGENAS REPRESENTADOS POR EL PERSONAJE KAKÁ EN
*ORÉ AWÉ ROIRU'A MA***

Marcia Rejane Kristiuk¹

RESUMO: A obra *Oré awé roiru'a ma: todas as vezes que dissemos adeus (2002)*, de Kaká Jecupé narra a história de um jovem índio que viu a cidade de São Paulo crescer desenfreadamente. O autor abordou em sua narrativa os fatores que interferiram nos costumes e na qualidade de vida da comunidade indígena. Apresenta a necessidade de uma negociação entre os povos indígenas e a sociedade nacional para evitar “o extermínio do mundo indígena e do ecossistema”. É um escritor indígena e mediador cultural, cuja trajetória é marcada pelo hibridismo cultural, pois se relacionou com diversas outras etnias. Além do fascínio de escrever, encontrou uma forma aliada na luta pela afirmação identitária indígena. O Brasil é um país que apresenta uma pluralidade muito grande quando se refere ao seu povo e, conseqüentemente, a sua cultura. As diferenças étnicas que aqui existem devem ser respeitadas e valorizadas, pois temos um povo mesclado, miscigenado. Dessa forma, a mestiçagem tornou-se um assunto comum da nação, constituindo o fator identitário do povo habitante deste país. Jecupé tem a preocupação de defender heranças culturais de seu povo através da literatura, através da escrita. Assim, os grupos minoritários podem assumir e defender suas diferenças culturais.

PALAVRAS-CHAVE: *Oré awé roiru'a ma*. Cultura indígena. Memória.

RESUMEN: *Oré awé roiru'a ma: todas as vezes que dissemos adeus (2002)*, de Kaká Jecupé narra la historia de un joven indio que vió la ciudad de São Paulo crecer desenfreadamente. El autor ha abordado en su narrativa los factores que interfieren en las costumbres y en la calidad de vida de la comunidad indígena. Presenta la necesidad de una negociación entre los pueblos indígenas y la sociedad nacional para evitar “el exterminio del mundo indígena y del ecossistema”. Es un escritor indio y mediador cultural, cuya trayectoria se caracteriza por La hibridación cultural, pues se relacionó con otras etnias. Además del encanto por la escritura, encontró un camino aliado a la lucha de la afirmación de la identidad indígena. El Brasil es un país que presenta una pluralidad demasiado grande cuando se refiere a su pueblo y, por lo tanto, a su cultura. Las diferencias de etnias hay que se respetar y valorar, pues tenemos un pueblo mesclado y micigenado. De esta manera, el mestizaje se convirtió en un tema común de la nación, constituyendo el factor de identidad del pueblo habitante de este país. Jecupé tiene la preocupación en defender herencias culturales de su pueblo a través de la literatura, a

¹ Possui graduação em Letras espanhol e respectivas literaturas (2002). Especialização em informática na educação (pós-graduação Latu Sensu, 2004), com o trabalho final intitulado “A utilização do hipertexto na produção textual”; Mestrado em Letras (2008), área de concentração: Literatura, com a pesquisa realizada na dissertação “O Caminho da pedra: um diálogo entre literatura e história que retrata a imigração alemã e a destruição dos Sete Povos das Missões. Cursos realizados na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões. Foi professora titular de Língua portuguesa e espanhola e no INSTITUTO FEDERAL FARROUPILHA Campus Santo Augusto (2010) e Campus Panambi (2010 a abril 2012). Atualmente atua no CAFW-UFSM. Doutoranda em Letras na UNIRITTER - Porto Alegre desde 2012.

través de la escritura. Así, los grupos minoritarios pueden asumir y defender sus diferencias culturales.

PALABRAS-CLAVE: *Oré awé roiru'a ma*. Cultura indígena. Memoria.

INTRODUÇÃO

A obra *Oré awé roiru'a ma: todas as vezes que dissemos adeus (2002)*, de Kaká Werá Jecupé traz importantes contribuições para nosso estudo pelo fato do autor ser do berço da cultura ameríndia. Como uma narrativa indígena, mostra a visão do índio sobre a sociedade nacional, incorporando sua voz ao discurso sobre a nação. Jecupé (2002) narra a experiência pessoal, desde a infância na aldeia, no Norte do país, até o contato e a convivência com a chamada civilização, em São Paulo, onde se fez homem, entre os Guaranis. É um escritor indígena e mediador cultural, cuja trajetória é marcada pelo hibridismo cultural, pois se relacionou com diversas outras etnias. Foi alfabetizado em uma escola pública, fora do aldeamento, nesta foi despertado para a escrita. Além do fascínio de escrever, encontrou uma forma aliada na luta pela afirmação identitária indígena.

Observa-se um percurso de temas ao longo da narrativa, como: a incompreensão do branco e sua incapacidade de lidar com a natureza; a superioridade do índio com a necessidade de intervir no processo e ajudar o branco a salvar a natureza. A relação da sociedade nacional e indígena é a do conflito, em que a história do encontro demonstra a precedência de etnia indígena em relação a do branco, principalmente ao contato com a terra e natureza nacionais. No texto, o saber indígena é superior ao do branco, na dificuldade em preservar o ambiente natural. O narrador apresenta a necessidade de uma negociação entre os povos indígenas e a sociedade nacional para evitar “o extermínio do mundo indígena e do ecossistema” (JECUPÉ, 2002. p.11).

RECONHECIMENTO E DIÁLOGO ENTRE AS CULTURAS

Jecupé traz a sua história em forma de memórias reportando-se ao passado. Pode-se afirmar que a memória é remissiva por apresentar características do retorno ao passado, seja recente ou remoto. De acordo com Russo (2001) ela é uma reconstrução psíquica e intelectual proveniente da representação seletiva do passado, uma vez que reflete:

um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Portanto toda memória é, por definição, ‘coletiva’ [...]. Seu atributo mais imediato é garantir a continuidade do tempo e permitir resistir à alteridade, ao ‘tempo que muda’, às rupturas que são o destino de toda vida humana; em suma, ela constitui – eis uma banalidade – um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. (RUSSO, 2001, p. 94)

Quando reconhecemos o outro como legítimo e nós também nos reconhecemos como outros legítimos, oportunizamos um processo de diálogo entre os diferentes. Assim, o diálogo provém de elementos oriundos da memória cultural desde o nascimento e se constitui no todo social. Esse diálogo é proposto por Jecupé por meio de uma negociação entre as culturas.

O narrador de Jecupé enfrenta a realidade em que as pessoas veem a ele e a sua família como diferentes. Juntamente com sua família ele é obrigado a sair de suas terras onde moravam, pois alegaram que estas pertenciam a imigrantes brancos. Na expulsão foram informados que as terras haviam sido doadas a imigrantes alemães pelo Imperador Dom Pedro II, no século dezoito. Os imigrantes tomaram posse daquele lugar por terem documentos que permitiam que eles destituíssem os primeiros brasileiros das raízes de suas terras, isso para civilizar a região. Tiveram que se deslocar para o litoral e Jecupé demonstra sua amargura com os desmandos do poder das leis. “Nessa parte do país a civilização é mais moderna. Lá no Norte ainda expulsa-se a bala. Aqui documentos do imperador” (JECUPÉ, 2002, p. 26).

No prefácio da segunda edição da obra descreve-se que a primeira publicação do livro, em 1994, marca um período importante, pois até então a cultura indígena brasileira era apresentada na voz de um antropólogo, de um indigenista ou um cientista social. O imaginário e a mídia se reportavam aos povos indígenas no Brasil como se existissem apenas na Amazônia ou no Parque Nacional do Xingú, o Mato Grosso. Também, mantinham “a ideia de que os últimos narradores eram exóticos oradores, completamente isolados da chamada sociedade envolvente” (JECUPÉ, 2002, prefácio). Com o lançamento da obra, reforça-se a existência do indígena em todo o Brasil, tanto que na obra de Jecupé (2002) revela sua história em São Paulo.

Esta história se passa em São Paulo, sudeste do Brasil, uma das maiores cidades do mundo. Nela, pelas suas bordas, estão menos de três por cento da floresta (Mata Atlântica) que restou nas suas imediações. Está ali a poluída represa Billings e o deteriorado rio Pinheiros, com seu curso invertido e servindo de escoamento de esgotos das indústrias paulistas. Neste cenário situam-se as duas últimas aldeias indígenas de São Paulo. Ao sul da cidade a

aldeia guarani de Barragem e, ao norte, a aldeia também guarani do pico do jaraguá. (JECUPÉ, 2002, prefácio)

Pela sociedade paulista este povo é visto como indigente ou favelados, porém Jecupé (2002, prefácio) afirma “este povo guarda e pratica as suas crenças mais sagradas”. Ele fala do livro como “[...] este trabalho foi início da própria voz do indígena, em meio à sociedade envolvente, fazer-se escrita. No ritmo das memórias fragmentadas [...]. Memórias que se agrupam” para encontrar as raízes ancestrais e encontrar-se a si mesmo.

Jecupé elabora sua narrativa de forma autobiográfica, *Oré awé roiru'a ma: todas as vezes que dissemos adeus*, em que se diferencia por sua autoria, escrita indígena que reflete na escrita coletiva. Ele narra a sua própria história desde a infância até o momento em que se torna emissário na sociedade brasileira e internacional, fazendo com que suas memórias tornem-se ainda mais vivas, agora em forma da escrita para mais pessoas ficarem sabendo como é a cultura indígena.

A memória não é a reprodução de um passado, mas sim uma representação do mesmo, como o exemplo da narrativa de Kaka que representa as memórias de sua trajetória, de forma que seleciona o que marcou mais sua vida. Ela é seletiva, pois o indivíduo escolhe elementos importantes conforme fatores emocionais ou sociais. Há elementos que são individuais ou presentes na memória de uma sociedade, a qual poderá valorizar fatos de seu interesse, ou seja, um determinado acontecimento vai ser mais lembrado que outro, de acordo com a significação para o contexto da época, permanecendo presente nas memórias, conforme analisa Bosi (1993).

Deixamos de ser, por um momento, os visionários da cidade antiga que só existia em nós, e que, de repente, ganha a sanção de uma testemunha: para ser uma lembrança coletiva, portanto uma realidade social. O mapa de nossa infância sofre contínuos retoques à medida que nos abrimos para outros depoimentos. (BOSI, 1993, p.413)

A relação da memória é dinâmica e em construção, pois quando ela é compartilhada pode-se lembrar e refazer a trajetória de sua origem. Todo o novo processo traz novos conhecimentos e também promove alguns apagamentos, modificando o olhar e proporcionando novas impressões.

Este trabalho foi “[...] a busca de raízes mais profundas do ser. Por isso ele foi escrito no ritmo das inquietações do ser. No ritmo das memórias fragmentadas que lutam para formar uma coesão” (JECUPÉ, 2002, p. 6). A escrita da narrativa é uma maneira de manter a cultura indígena na sociedade nacional.

Meus pais não são guaranis [...] ficaram conhecidos no passado como ‘tapuia’. No entanto, minha família se autodenomina ‘guerreiros sem armas’ ou como eu gosto de me apresentar: txukarramãe. [...] Apresento-me como txukarramãe pelo fato de ser um guerreiro sem armas [...] comecei uma tarefa, a partir dos ensinamentos que me foram passados, de difundir a tradição, plantando agora, para o próximo ciclo da natureza cósmica, nesta terra chamada Brasil, sementes ancestrais para o florescimento de uma nova tribo. (JECUPÉ, 1998. p.12)

Chegaram a São Paulo, vindos de Minas Gerais, pois foram obrigados a abandonar sua terra, fugindo das opressões do governo na década de 60. Na capital paulista agregaram-se ao aldeamento guarani “Krukutu” (Represa Billings). O narrador relata como foi processo de aculturação e a violência simbólica aos quais foi submetido. Ele foi escolarizado e era obrigado a mudar seus costumes: teve que usar uniforme e sapatos e adotar um nome não indígena.

Após a morte de sua mãe e o vício pela bebida de seu pai, que também resultou na morte dele, acontece a viagem para Florianópolis que o reaproxima de sua identidade étnica. Primeiro ele tem contato com um grupo de pescadores descendentes de açorianos, com os quais fez muitos arrastões. Logo depois tem a atuação de mediador de sua cultura.

Com o tempo mudei-me para um vilarejo chamado Canto da Lagoa, mais perto da mata. Caminhava quilômetros de manhã até o local onde passei a trabalhar, uma casa de atividades de arte [...] Ensinava algumas danças indígenas e história da nossa cultura. Os artistas respeitavam e se interessavam em saber, as crianças também. (JECUPÉ, 2002. p.167)

Este lugar foi determinante para sua formação intelectual e a relação de amizade com uma gaúcha e ativista ambiental: Gike, jornalista e professora na Universidade Federal de Santa Catarina, residente na região da “Lagoa da Conceição”. A professora mostrou-lhe o sentido de lutar por causas sociais para combater a violência e a ignorância presentes na sociedade. Em uma comemoração organizada por Gike e seus amigos, Kaka percebe que pode trabalhar por um projeto coletivo em que se reporte a questão indígena.

[...] Gike sugeriu que ensinasse uma dança ritualística a todos. Foi a primeira vez que me dei conta que nossa dança poderia ser sagradamente feita com qualquer pessoa. Pois no lugar onde eu ensinara outras vezes estavam interessados da técnica. E ali senti interesse pelo voo que ela fazia. Dançamos a dança Txukarramãe da terra. (JECUPÉ, 2002. p. 36)

Nas duas últimas “luas” ele retorna para o aldeamento em São Paulo, no final da década de 80. Percebe algumas mudanças: a implantação da educação indígena, a tribo guarani podia conhecer mais a sociedade nacional e outras culturas, o conselho tribal

composto pela juventude, o convívio na aldeia com novos elementos, pois haviam estudado com o branco. Na sequência ele participa da cerimônia do batismo em que recebe o seu nome soprado pelo Pajé guarani.

Ele participa de um evento em comemoração a natureza interétnica, que foi realizada no vale do Anhagabaú em São Paulo, em 1992. Nesta oportunidade pode expor à sociedade brasileira a diversidade étnica na perspectiva das minorias.

Fomos parar na Câmara do Comércio e indústria de São Paulo, onde fui apresentado ao senhor Eduardo Elchemer e o babalorixá Cássio Ogun. De que tribo você é? Sou Tuxukarramãe, de um povo que habitava o norte, mas minha tribo foi destruída e criei-me entre os Guaranis de São Paulo.

[...] Mas você fala bem o português? Foi necessário para sobreviver. Então já começamos de um ponto comum. Sou árabe. Meu pai foi um xeque, mas que devido a guerras imigrou para o Brasil. Para sobreviver tivemos que aprender essa língua e cultura. É. Somos estrangeiros; a diferença é que sou considerado estrangeiro em meu próprio lugar, e, quando me visto das roupas civilizadas sou considerado dentro da cultura de meu povo, mas de acordo com a roupa que visto. (JECUPÉ, 2002, p.69)

Para Ana Pizarro (1998. p.24), no contexto latino-americano, há um impulso homogeneizante, que além de recalcar a voz do “outro” renega povos indígenas e as populações de camadas emergentes e lhes coloca as margens da representação do nacional. Neste evento de confraternização que fez parte de um projeto coletivo, demonstra a mensagem de Jecupé que tem o sonho de trazer a igualdade entre os povos e não a renegação dos grupos minoritários.

Aqueles dias tumultuados e trágicos (massacre dos Yanomani no Pará) nos colocou, luas depois, num encontro entre índios, negros, judeus, militantes ecológicos, no escritório de um certo guerreiro chamado Lazlo Krauz, que tinha um sonho... O sonho da igualdade entre os povos. Esse guerreiro colocou-se à disposição para unir tanto a luta indígena... como a luta de outras etnias... Então através dele passamos a somar sonhos... e foi ali no seu escritório que fincamos uma bandeira de várias cores. (JECUPÉ, 2002, p.88)

No final da narrativa a dança ritual celebra as diferenças em uma sociedade nacional. Evoca representações como é o caso da dança para sensibilizar e estabelecer uma interlocução. Ao longo da narrativa ele demonstra a incapacidade do branco lidar com a natureza e a necessidade do índio unir forças para salvar o meio ambiente. O cruzamento dos mundos indígena e civilizado é marcado por conflitos e, neste momento, deve-se pensar em um hermanamento entre as culturas para superar as dificuldades presentes e as passadas também.

O ato de falar, impregnado de memória, materializa-se, quando colocamos nossa prática em prol da democratização das vozes. Muitas vozes foram caladas ao longo da história, e junto silenciaram memórias que ficaram no esquecimento, como é o caso do indígena. Santos(1998) nos diz que lugares da memória apresentam um certo poder (fixo em pedras, monumentos e construções arquitetônicas), como também rituais e comemorações podem “impor a representação de um grupo sobre outros, quanto de abrir um espaço para que grupos oprimidos possam fortalecer suas identidades através da recuperação de traços da memória” (SANTOS, 1998, p.10).

Enquanto escritor, Jecupé escreve para que os leitores identifiquem as características da cultura dos Txukarramãe ou dos guaranis. Quer mostrar os estereótipos construídos em relação ao indígena, para que percebam como são vistos e reconhecidos pela sociedade branca. Assim, ele pretende demonstrar seu povo definindo o conceito da imagem do índio como um povo muito ligado a terra, as suas tradições. Essencialmente, o indígena é um povo que construiu e desenvolveu sua civilização ligado à natureza.

Para a cultura do povo de jecupé ‘uma palavra’ tem muita força, que o poder delas pode proteger ou destruir um povo. Ele diz que o próprio nome Kaká tem sua força especial, significa escudo que lhe protege. Jecupé atravessa fronteiras entre o mundo Txukarramãe e a sociedade ocidental, quando é obrigado a viver fora de sua comunidade para abrigarem os imigrantes em suas terras. As fronteiras culturais permitem visualizar as variações dos espaços culturais, sendo que quando for vista de forma positiva agrega valores e enriquece a convivência entre culturas. Caso se crie estereótipos, sempre a cultura mais frágil vai sofrer consequências de preconceitos. As fronteiras atravessadas também acontecem na escola, ele descobre a aprendizagem da escrita e da escola vislumbra uma forma de se defender da construção de imagens estereotipadas de seu povo.

O Pai me disse que era uma maneira de nos defendermos. Perguntei o que era escola. Me respondeu que era um lugar onde se riscava com traços o que se falava, e que qualquer um podia dizer exatamente o que se havia falado olhando para aqueles traços, mesmo que se passassem sóis e luas. Isso me deixou fortemente encantado. (JECUPÉ, 2002, p. 21)

A narrativa mostra as fronteiras entre o mundo indígena e o mundo da sociedade majoritária, sendo que para Jecupé o trânsito entre as fronteiras, trazem momentos de revolta pela política desagregadora de uma cultura sobre a outra. Um dos fatos que causa mais revolta ao narrador é a desagregação de seu pai pelo vício da bebida, e essa herança não é do povo

indígena, é do colonizador. Quem apresentou a bebida alcoólica para ele foi um homem da cidade.

Quando um senhor do vilarejo crescido à nossa volta ensinou ao pai a tomar certo líquido que dizia anestesiar as feridas do espírito. Um líquido ardente que cicatrizava a dor que doía dentro. O pai, no início, passou a bebê-lo, mas depois, com as luas, o líquido é que lhe bebia. Liquidava-se. E o tempo fez com que sobre uma velha canoa de pesca seu corpo esquecido anoitecesse sob as últimas estrelas de sua vida. Sendo que a represa ainda lhe consentiria a graça de trazê-lo esparramado com a manhã, dentro de um grosso e oleoso ritual. Foi a partir daí que empunhei a lança da revolta. Munido de flechas de ódio. (JECUPÉ, 2002, p. 28)

A movimentação entre fronteiras culturais é um espaço de lutas constantes entre duas culturas, seus membros e suas identidades. As imagens estereotipadas dos povos indígenas é uma questão que é debatida para se combater os preceitos constituídos com a colonização, e encontramos as culturas de origem lutando para não serem arrasadas por um conjunto de fatores opressivos. No entanto o narrador de Jecupé não propõe isolamento ou exclusão, mas ele luta por um espaço político que veiculem ligações culturais. Nesse espaço ele visualiza a convivência de diferentes vozes e tradições, que possam existir através de uma história sendo permanentemente contada em um fluxo contínuo em suas variações culturais e políticas, pois cada povo tem suas particularidades, mas pode conviver com a multiplicidade étnica.

O discurso dominante da modernidade reduziu raça e etnias a um discurso do Outro, como afirma Henry Giroux (1993), em que essencializa e produz a distância entre os centros e margens do poder. Essa visão do Outro mostra um sujeito eurocêntrico, como se lhe faltasse tradições comunitárias e uma cultura própria. No entanto, na perspectiva pós-moderna há uma flexibilidade nos posicionamentos políticos e de representação. Na verdade, a perspectiva pós-moderna “abre uma nova frente política dentro do discurso e da representação” (GIROUX, 1993, p. 461). Assim, distancia-se do sujeito eurocêntrico e tem-se a possibilidade mais crítica em relação a ideologia de colonização e marginalização dos Outros. Jecupé busca o reconhecimento de seu povo e diz que na procura pelos brasis que temos aqui, vamos redescobrir que o país é multicultural. Afirma que cada povo em suas tradições pode cooperar para construir um Brasil colorido na atitude de aceitar o Outro diferente, mas que venha a agregar valores culturais ao país e, principalmente, que se valorize a diversidade étnica aqui existente.

A obra de Jecupé narra, pois, a história de um jovem índio que viu a cidade de São Paulo crescer desenfreadamente. Com este crescimento presenciou a ameaça que o progresso

representa para a tribo Guarani vizinha a sua casa. O autor abordou em sua narrativa os fatores que interferiram nos costumes e na qualidade de vida da comunidade indígena.

[...] Há tribos que começam a sua história desde quando o clã eram seres do espírito das águas. Outras trazem a sua memória animal como início da história, assim como há aquelas que iniciam a sua história a partir da árvore que foram. (JECUPÉ, 2002, p.12).

Marilena Chauí (2000. p.910) ressalta que as representações do mito de fundação são reorganizadas em cada tempo do processo de formação histórica, dando significações de acordo com a hierarquia interna e seus sentidos. A relação entre mito fundacional e a renovação dele historicamente, está na capacidade da literatura produzir narrativas que refazem os mitos nos diferentes contextos históricos. Nesse sentido, há possibilidade do mito tornar-se um elemento construtor da identidade, podendo também ser um instrumento de investigação da sociedade. Nisso, Zilá Bernd (2002. p.36) afirma que “o processo identitário tanto em relação à nação quanto ao indivíduo é um processo inacabado, isto por estar se abrindo sempre a novas interações”. Dessa forma, as identidades devem ser articuladas em um contexto dinâmico.

Ao interpretar cultura nacional na leitura de Homi K. Bhabha, a socióloga Rovisco destaca que “todas as culturas nacionais, como formas narrativas de expressão cultural são híbridas e contêm elementos alienígenas que irrompem como contranarrativas da narrativa homogênea da nação” (ROVISCO, 2003. p.8). A socióloga avalia que Bhabha destaca que as contranarrativas relativizam as fronteiras da identidade essencialista da comunidade nacional. Com isso, o imaginário negocia a sua própria representação em elementos que envolvem a emergência das comunidades locais, minoritárias, periféricas e contra-hegemônicas.

O Brasil é um país que apresenta uma pluralidade muito grande quando se refere ao seu povo e, conseqüentemente, a sua cultura. As diferenças étnicas que aqui existem devem ser respeitadas e valorizadas, pois se pesquisarmos quem é o homem brasileiro, vamos encontrar um povo mesclado, miscigenado. Dessa forma, no Brasil, não se pode falar em uniformidade cultural e, sim, em “valorização da multiplicidade cultural” (CASCUDO, 1967, p.10). A mestiçagem tornou-se um assunto comum da nação, constituindo o fator identitário do povo habitante deste país. Por isso, ser brasileiro passou a significar “ser mestiço”, tema que foi e é fortemente debatido pelos meios científicos e acadêmicos (COELHO, 2001, p.62). Jecupé tem a preocupação de defender heranças culturais de seu povo através da literatura, através da escrita. Na escola aprendeu a escrever e com isso ficou deslumbrado, pois poderia escrever para contar a sua cultura e mostrar para o mundo como seu povo é importante para a

formação da nação brasileira. Assim, através da literatura, os grupos minoritários podem assumir e defender suas diferenças culturais. Ter voz própria, desfrutar da sua própria cultura, proporcionando o reconhecimento social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O indígena foi o primeiro desbravador das terras brasileiras e desde a conquista europeia sofreu com o extermínio físico, moral e cultural. Seus costumes foram desrespeitados e só conseguiriam a salvação através do Deus do branco colonizador. Para isso deveriam se afastar de suas tradições, seu jeito de viver e deveriam entregar a alma para a catequese, assim se transformariam no “bom selvagem” (BOSI, 2006, p.91). Mesmo sofrendo toda a opressão e preconceito por que passaram, esses povos conseguiram manter suas histórias através do relato oral dos anciãos transmitidos de gerações para gerações.

Autores de “sangue indígena” vem das comunidades ameríndias, porém vivem no meio da produção cultural não indígena e constroem seus textos a este público (Souza 2003, p. 135). Kaka Werá Jecupé é um deles, e assim como os outros autores indígenas procuram re-escrever a história indígena na versão dominante para um público não indígena, mas muitas vezes acabam sendo submetidos a processos de exclusão ou marginalizados. Isso acontece porque são vistos apenas como contadores de história, ou por apresentarem o processo de construção das identidades indígenas. O autor indígena Kaka escreve discutindo as múltiplas identidades indígenas em transformações no mundo contemporâneo, assim como trabalha em projetos que divulgue a cultura indígena e promova a afirmação das comunidades. Kaká mesmo entendendo que a ação violenta colonizadora prejudicou a sua cultura, ele tem uma visão mais otimista. *Todas as vezes que dissemos adeus* tenta a conciliação no convívio das culturas diferentes, apostando no autoconhecimento entre ambas.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. Enraizamento e errância: duas faces da questão identitária. In: SCARPELLI, Marli Fantini; DUARTE, Eduardo Assis (Org.). **Poéticas da diversidade**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: T. A. Queiroz, 1993.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 43. ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Geografia dos mitos brasileiros**. São Paulo, Global, 2002.
 Cascudo, Luís da Câmara. **História da Alimentação no Brasil**: Cardápio Indígena, dieta africana, ementa portuguesa. São Paulo: Nacional, 1967.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil**: mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

COELHO, Haydée R. **Guimarães Rosa**: interlocuções críticas e metacríticas. In: Seminário Internacional Guimarães Rosa. Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2001.

GIROUX, Henry. Postmodernism as Border Pedagogy: Redefining the Boundaries of Race and Ethnicity. In: Natoli, Joseph & Hutcheon, Linda (eds.) **A Posmodern Reader**. Albany: State of New York Press, 1993, p. 452-496.

JECUPÉ, Kaka Werá. **Oré Até roiru'a ma** - todas as vezes que dissemos adeus. São Paulo: Fundação Phytoervas, 2002.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena do Brasil contada por um índio. São Paulo: Petrópolis, 1998.

PIZARRO, Ana (Org.). **América Latina**: palavra, literatura, cultura. Campinas: UNICAMP, 1998.

ROVISCO, Maria Luis. **Reavaliando as narrativas de Nação**: Identidade Nacional e diferença cultural . Actas IV Congresso Português de Sociologia. L Lisboa: Associação portuguesa de sociologia. Dez/2003. Disponível em: http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462dca1d5f381_1.PDF. Acesso; 03/2014.

RUSSO, Hwnry. **A memória não é mais o que era**. In AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (coordenação). Usos e abusos da história oral. 4º ed. Rio de Janeiro, FGV, 2001.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Sobre a autonomia das novas identidades coletivas**: alguns problemas teóricos. Ver. Brás. Ci., Out. 1998, vol. 13, nº 38. ISSN 0102-6909.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes. **Que história é essa?** A escrita indígena no Brasil. In: SANTOS, Eloina P. dos. (org.) Perspectivas da literatura ameríndia no Brasil Estados Unidos e Canadá. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003.

Data de recebimento: 26/07/2015

Data de aprovação: 10/12/2015